Tipologia dos Relacionamentos Amorosos **3**

Dr. Sander Fridman¹
Dra. Erika Weber²
Dra. Rosa Helena Azeredo³

RESUMO

O presente trabalho foi redigido como exigência para titulação no curso de Sexologia e Terapia Sexual promovido conjuntamente por Hólis-Porto Alegre e Ludias-Buenos Aires e ministrado pelo Dr. Juan Carlos Kusnetzoff, no período 1991-1993. Os autores contaram com suas experiências profissionais na área da psiquiatria, psicologia e terapia sexual, com a vivência de diferentes atividades teóricas neste campo, a salientar a participação no Curso Intensivo de Terapia Sexual, em Brasília, coordenado pelos Drs. Ricardo e Mabel Cavalcanti. Este trabalho propõe-se como um ensaio em que o tema das formas de amar é tratado como um objeto do conhecimento. Busca dar alguns passos na construção de uma ponte da poesia à epidemiologia. Para tal o instrumento básico foi a revisão bibliográfica e a compreensão da necessidade de estabelecerem-se conhecimentos menos especulativos e preconceituosos a respeito das possibilidades amorosas do ser humano e seus efeitos sobre sua sexualidade e sua vida em geral. Optamos pela busca de algumas definições básicas e que pudessem ser aplicadas com satisfatória confiabilidade por diferentes examinadores. Não foi dado tratamento estatístico nesta fase do trabalho por absoluta falta

-
1. Médico psiquiatra do Serviço de Doenças Afetivas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, S. de Neurologia a Neurocirurgia do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre.
 2. Psicóloga do Serviço de Doenças Afetivas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.
 3. Psicóloga Hólis-Porto Alegre.

Recebido em 08.10.93

Aprovado em 16.11.93

de recursos. A classificação proposta compõe-se de 5 subclassificações: A. Características difusas e globais; B. Características quanto à fidelidade; C. Características específicas da sexualidade; D. Padrão principal do desejo e excitação; E. Forma de habitação,

JUSTIFICATIVA E INTRODUÇÃO

Em 1992, ANDRADE & MELLO organizaram uma coleção de trabalhos de profissionais e pesquisadores da área da sexualidade representativa do pensamento brasileiro naquele momento histórico e político, no qual, se colocou em discussão as diferentes “formas de relacionamento”, entre outros temas. Esta coletânea foi fruto da I Jornada Sul-Brasileira de Sexualidade Humana e IV Jornada Paranaense de Sexualidade Humana, na Universidade Federal do Paraná. Os textos motivaram nossa reflexão e desafiaram-nos à formulação de um discurso que traduzisse nossa apreensão das questões.

Os títulos que se lêem na coletânea citada são: Casamento Convencional, Coabitação, Casamento Aberto, “Juntos... Casas Separadas” e Relacionamento Homossexual.

Se considerarmos os 5 títulos escolhidos como categorias distintas, podemos ver nisto uma forma de tipologia das relações. Evidentemente, antes do que propor uma classificação dos tipos possíveis de relacionamento, os autores buscavam dissertar sobre alguns aspectos específicos que têm merecido atenção da sociedade.

Entendemos que o que tomou estes temas tão atraentes são os “elementos-tabu” envolvidos, ou seja, de “moralidade” e preconceito. Pode-se pensar que a escolha destes tipos orientou-se moralmente, obviamente não para simplesmente referendar pontos de vista preconceituosos, mas para colocá-los sob perspectiva.

Por outro lado, consideramos haver uma grande lacuna no nosso conhecimento sobre os padrões da vida amorosa. Uma proposta de classificação descritiva dos relacionamentos pode ser de enorme valor heurístico, na busca de fatores determinantes e determinados na interface da vida amorosa e sexual dos parceiros.

Diferentes maneiras de descreverem-se fenômenos da vida conjugal têm sido propostas pelas teorias Sistêmica, Psicanalítica e Comportamental. Evidentemente, nexos e vocabulário utilizado por cada uma destas correntes orientam-se internamente pelos conceitos da teoria da qual se servem, tornando sua leitura árida aos não iniciados. As observações geradas pelo olhar do observador instrumentalizado por uma destas teorias, freqüentemente estão fadadas a “confirmar” a teoria. Assim, comumente verifica-se o quanto os observadores deixam de produzir descrições

fidedignas, com o potencial de confrontar e inovar “para fora” das linhas teóricas com as quais se filiam, num processo dialético com a realidade. Os únicos crescimentos que se observam frequentemente são “para dentro”, ou seja, sem contradizer os limites e axiomas básicos da teoria. A consequência é um adensamento de “sub-teorizações” e “pseudo-observações”, que emprestam às correntes teóricas uma aparência de consistência sem no entanto a validação externa correspondente.

Parece-nos claro que cada corrente clínico-psicológica calca seus julgamentos acerca da saúde de uma pessoa ou relação, conforme uma apreciação da “proximidade” ou “distância” que dada observação representa em relação a um axioma básico, ideal (pensado), do que é saúde, saudável ou normal. E isto se dá no bojo de uma determinada construção teórica, fruto de ideologia específica, influenciada por uma definida circunstância histórica - política, social e econômica - de uma determinada sociedade, em um tempo específico, e que não necessariamente se aplica aqui, agora, a quem somos ou por quem seja.

Assim, via de regra, as “observações” e definições de saúde e saudável estruturam-se metapsicologicamente (por exemplo, a maneira como se relaciona com seus “objetos”; como seu “ego” lida com as diferentes “pulsões” do “superego”... -ninguém pode ver estes “objetos” - apenas interpretar que estejam ali; da mesma forma com o “ego” e as pulsões, etc.).

Uma excessão a esta crítica seria, talvez, a teoria comportamental que estrutura sua epistemologia sobre a testagem de hipóteses, baseada em observações de fenômenos simples, controlando a reprodutibilidade intersubjetiva das observações.

Por outro lado, entendemos que não é possível nenhum acesso à realidade (observação), sem a mediação de alguma teoria (ótica) previamente existente, que nos diga o que deveríamos encontrar, como deveríamos descrevê-lo, e quais nexos estariam disponíveis (mapa), para explicarmos aquilo que observamos. Esta visão construtivista entende que só se pode formular algo novo (e até mesmo “percebê-lo = formulação mental”), a partir de uma formulação teórica prévia. Como conceber então um observador livre dos vieses das teorias às quais se filia? Como conceber um corpo de observações “intrinsecamente válidas”, ou seja, não distorcidas - contaminadas - pelo “desejo” do observador (por exemplo, de “confirmar” os princípios da teoria da qual esposa)?

Compreendendo a enorme complexidade da tarefa, tentamos uma “revisão” sobre o tema tipos de relacionamentos. Como identificar os principais fatores relacionais que operam sobre a qualidade dos relacionamentos amorosos? Como pará-los complementarmente a uma análise moral/formal do assunto? Como oferecer uma alternativa positiva (propo-

sitiva) a esta forma de análise? Como propor uma nova base para discussões daquilo que é particular e ao mesmo tempo universal na vivência amorosa do ser humano, e que substitua com vantagens a mera discussão de questões morais/contratuais? Afinal, como virar a mesa e propor um novo jogo, com novas regras e peças - lógica e conceitos?

Em suma: que categorias descritivas poderiam resumir as possibilidades humanas de associação amorosa na nossa sociedade, hoje? Como tornar esta categorização tão clara a ponto de permitir observações precisas, dotadas de reprodutibilidade e estabilidade e, por conseguinte, alavancando estudos sistemáticos dos efeitos destas formas de relacionamento sobre diferentes aspectos da vida íntima, como por exemplo, o ajustamento sexual e a estabilidade/gratificação da relação? Como estruturar instrumentos e referenciais que permitam erigir e debater critérios de “saúde” nas relações íntimas?

Nossa modesta contribuição nasceu de um processo crítico e lúdico a um só tempo, em busca do criativo e transgressor, sob o risco de nos defrontarmos com a imaturidade de nosso processo teórico no momento. A experiência a que nos sujeitamos, a vivência de um “brain-storm”, permitiu um olhar para dentro de nossos “conceitos prévios”, bem como uma reflexão crítica sobre nossas enormes pretensões, frente ao tamanho de nosso desaparelhamento teórico para atingí-las.

METODOLOGIA

Os autores confrontam suas idéias em função de um sem número de experiências auto e alter-terapêuticas, leituras, cursos, congressos, arte e, evidentemente, seus próprios relacionamentos. O trabalho se iniciou com uma leitura livre seguida de uma técnica de tempestade cerebral (“brain storm”). Esta técnica é muito utilizada em tarefas que exigem desprendimento de conceitos tradicionais, particularmente no processo criativo-artístico. Favorece o livre-pensar e pode trazer resultados surpreendentes ao grupo, no tocante à questão que este se propõe investigar/criar. Caracteriza-se pela definição inicial de um tema, seguida pela livre e desinibida associação de idéias dos componentes de um grupo (é possível o trabalho individual com esta técnica). Para o melhor proveito da experiência é importante que os participantes não comentem as contribuições formuladas, criticando-se ou apoiando-se, permitindo-se verbalizar o mais livremente possível toda e qualquer idéia ou lembrança que ocorra. É desejável um bom relacionamento interpessoal dos membros do grupo, afetuoso e tolerante, para que esta pretensão de realmente dizer-se o que se pensa possa de fato ocorrer.

No caso, o tema amplo “tipos de casamentos”, foi depois traduzido para “tipos de casais”, “tipos de relacionamentos íntimos” e, por fim, tipos de relacionamentos amorosos.

Por fim, foram debatidos alguns conceitos em busca de definições operacionais. Procurou-se apresentar posições suficientemente claras para serem facilmente debatidas, com o fim declarado de permitir-se a transitoriedade dos conceitos. Pretendeu-se oferecer uma percepção dos autores, inseridos numa classe média Portoalegrense, ano 1993. Deste ponto de vista, a ênfase por nós recusada a uma revisão formal da literatura, subordina-se a importância da subjetividade na leitura ímpar dos inúmeros textos e da realidade. As leituras-estímulo são listadas ao final.

Os autores fizeram suas formações em Sexologia e Terapia Sexual com o Dr. Juan Carlos Kusnetzoff, em Porto Alegre, no período 1991/1993, e com os Drs. Ricardo e Mabel Cavalcanti e Dr Aulus Plautus C. Souza, no Curso Intensivo de Terapia Sexual, em Brasília.

RESULTADOS

Por motivos óbvios não se apresenta o resultado do “brain storm” em si. Produziram-se 75 expressões-idéia, que a seguir foram trabalhadas na busca de serem agrupadas através da formulação de uma estrutura conceitual consistente (facilmente compreensível) e com validade aparente (obtida através da consistência e validade presumível das teorias de origem das definições). Observando o fruto caótico, irreverente e divertido de nosso “brain storm”, propusêmo-nos a organizar as inúmeras qualificações dos relacionamentos amorosos listadas, buscando elementos que pudessem agregar em torno de si grupos de “adjetivações”. Os agrupamentos de características por nós concebidos foram:

- a. Características que permeiam difusa e globalmente diferentes aspectos da relação;
- b. Quanto ao papel da fidelidade na relação;
- c. Características centradas em aspectos específicos da sexualidade;
- d. Características centradas no padrão de desejo e excitação sexual;
- e. Características centradas na forma de habitação;

A seguir citamos algumas definições por nós propostas ou compiladas.

Tipos de Relações Amorosas

A. Características difusas e globais da relação:

1. Boa:

Que tende à continuidade, *porque* permite um grau mínimo de satisfação global pelos indivíduos que dela participam, nas diversas áreas da vida cotidiana. A qualidade da interação sexual só pode ser valorizada dentro das expectativas e satisfação dos parceiros. A relação apresenta condições de superar as crises que se sucedem, por possibilitar as renegociações necessárias de papéis e posições exigidas pelo desenvolvimento dos parceiros e mudanças no contexto da relação.

2. Ruim:

Quando falta algum dos critérios acima, ou seja, quando a relação não tenda à continuidade, porque não permita uma mínima satisfação global dos parceiros em áreas importantes da vida cotidiana. *Observação*: Toda relação pode apresentar eventualmente *momentos ruins* e que tendem à descontinuidade, literalmente. A *relação ruim*, entretanto, não mostra condições de superar as crises que se sucedem, por não possibilitar as renegociações necessárias de papéis e posições exigidas pelo desenvolvimento dos parceiros e mudanças no contexto da relação.

3. Plena:

Que permita um bom grau de gratificação dos parceiros, seja quanto à intimidade, sexualidade, criatividade (para dentro e para fora da relação), incluindo as características da relação “boa” (ver acima).

4. Ideal:

Que o ajuste da relação permita aos parceiros, concomitantemente, uma sucessão de “clímax” nas diversas áreas da vida cotidiana, envolvendo opção sexual e sexualidade, intimidade e criatividade, para dentro e para fora da relação, nos vários aspectos da vida cotidiana. Esta utopia conjugal pode ser lida como inalcançável na vida real: pertence ao mundo dos sonhos, pois convive com a impossibilidade de termos dois indivíduos iguais, ou permanentemente em sintonia. A idéia de uma relação ideal é mais freqüentemente fonte de frustração em buscas neuróticas de uma gratificação exigente e impossível.

5. Paixão:

Estado psicótico em que um parceiro vê no “outro” a fonte absoluta de sua autoestima e da sua sobrevivência emocional. Não existe um acesso mínimo à pessoa do “outro”, mas um delírio em que o “outro” é substituído, na mente da pessoa apaixonada, por uma figura idealizada, fruto de suas fantasias. Assim não existe intimidade verdadeira na paixão - um não enxerga ao outro, de fato - sob pena de abrir-se mão da gratificação proporcionada pela fantasia onipotente de estar-se vivendo uma “relação ideal” (ver acima).

6. Lúdica:

Flexível, embebida por um senso de jogo ou diversão da qual compartilham os parceiros, sem maior compromisso ou interdependência, mas que pode evoluir para tal.

7. Storge:

“Carinho e afeição que lenta e imperceptivelmente se transmitem em amor sem febre, tumulto ou loucura”. É o amor estável e sólido que brota gradativamente de uma relação de amizade.

8. Pragmática:

Relação baseada no pragmatismo e no planejamento na escolha dos parceiros, levando-se em conta características desejáveis e estilo de vida almejado. Não exclui a possibilidade de desenvolverem-se sentimentos mais profundos posteriormente.

9. Sadomasoquista:

O prazer conjugal resulta da vivência de dor, sentida ou infligida, nos diversos terrenos da vida cotidiana. O amor vivenciado/manifestado pode ser diretamente proporcional ao sofrimento declarado.

10. Altruista:

Quando os parceiros mostram-se primariamente envolvidos com a gratificação do outro,

11. Abnegada:

Quando os parceiros mostram-se exclusivamente envolvidos com a gratificação do outro.

12. Passivoagressiva:

Quando a submissão dos parceiros apresenta ou é seguida de ataques sutis à relação que impedem e si a ao outro desfrutarem. Pode ser mascarada pela anterior.

13. Depressiva:

Relação desprovida de desejo, empolgação e perspectivas e que tende à continuidade, mesmo que plena de decepção e desvalia conjugal.

14. Maníaca:

Intensidade excessiva em várias áreas da vida conjugal, envolvendo sexualidade e opções sexuais, criatividade, etc. Encobrem sentimentos profundos de distanciamento emocional, falta de intimidade, solidão e decepção conjugal.

15. Paranóide:

Predominam sentimentos de inveja, ciúmes e competição, que redundam num controle e desconfiança excessivos entre os parceiros.

16. Histórica:

Sensualidade estereotipada e sexualidade inibida.

17. Obsessivo-Compulsiva:

Adita a rituais que imprimem um controle excessivo sobre as manifestações emocionais.

18. Fóbicas:

Tensa e ansiosa à experimentação de um ou vários aspectos da vida intra ou extra-relacional.

19. Egocêntrica:

Os parceiros não têm acesso às necessidades um do outro, buscando apenas a própria gratificação.

20. Egoísta:

Os parceiros não se importam com a gratificação do outro.

21. Químico-dependente:

Centrada no uso patológico de substâncias químicas - álcool, drogas.

22. Maternal:

Centrada nos cuidados dispendidos por um dos cônjuges ao outro por doença imaginária, real, somática, mental, psicótica ou neurótica.

B. Quanto ao papel da fidelidade na relação:**1. Relação aberta:**

A ausência de relacionamentos extra-conjugais passa a ser consentidamente apenas uma opção. Pode incluir neste contrato implícito ou explícito a necessidade de compartilhar-se a experiência extraconjugal vivenciada, como modo de manter-se o sentimento de cumplicidade do casal.

2. Estritamente fiel:

Os parceiros recusam para si e o outro a possibilidade de relacionamentos extraconjugais. A ruptura deste contrato implícito ou explícito é considerada de extrema gravidade e eminência de ruptura da relação.

3. Preferencialmente fiel:

Os parceiros valorizam a fidelidade mas não reconhecem na ruptura desta norma uma ameaça intransponível à relação. A vivência pode ser compartilhada ou negada ao parceiro e/ou socialmente.

4. Polidamente fiel:

Os parceiros desconhecem entre si e socialmente a existência de conduta infiel, afirmam-se adeptos à fidelidade, entretanto ambos têm conhecimento velado do contrário. Os casais utilizam termos como “saber fazer”, “negar sempre”, “proteger o companheiro” para descrever este aspecto de suas vidas que não podem compartilhar e não estão dispostos seriamente a evitar.

C. Características centradas em aspectos específicos da sexualidade:**1. Pornográfica:**

Relação sexuada que exclui o erotismo e a sensualidade.

2. Erótica:

Quando o sexo combina-se à sensualidade.

3. Sensual:

Relacionamento que prima por sinais de sedução com sugestões indiretas ao desejo e à atração sexual o qual não se explicita, em oposição ao tipo erótico ou pornográfico.

4. Assexuada:

Relacionamento muito restrito em expressão sexual direta ou sensual.

Obs.: Os tipos acima podem representar fases ou momentos de uma relação.

D. Características centradas no padrão principal de desejo e excitação sexual:

1. Heterossexual
2. Homossexual
3. Bissexual
4. Poligamia/Poliandria
5. Grupo
6. Escoptofílica
7. Outro

E. Características centradas na forma de habitação:**1. Convencional:**

Casados vivendo sob mesmo teto.

2. Casas separadas:

Relação com pretensão de estabilidade que se dá entre parceiros que não coabitam.

3. Coabitação (amigados):

Sem vínculo político-legal (casamento). Fase pré-nupcial de experimentação da vida conjugal ou alternativa de constituição de um relacionamento à margem do sistema legal-religioso convencional.

DISCUSSÃO

O exercício acima produziu uma lista com 39 pontos e serem lembrados e pesquisados, com definições simples e operacionais, a que permitem correlações com problemas diversos na esfera sexual, que trazem casais ou pacientes aos consultórios.

Os pontos levantados não foram extensamente discutidos no texto porquê, na ausência de dados epidemiológicos e observacionais, toda tentativa de teorizar detidamente a cerca da relevância ou não de cada item, será necessariamente de caráter especulatório.

Entendemos que, antes de uma mera classificação descritiva, freqüentemente foram utilizadas definições emanadas de paradigmas metapsicológicos específicos, onde a psicopatologia psicanalítica mostrou-se evidentemente preponderante, as razões para tal podem ser variadas desde as mais simpáticas a este campo teórico às mais antipáticas.

Independentemente de afinidades, é de se reconhecer a fácil operacionalização dos conceitos expostos, da mesma forma como a absoluta incógnita acerca da validade de tal atividade classificatória, que só pode ser afirmada ou descartada epidemiologicamente.

CONCLUSÕES

A partir da discussão acima permitimo-nos estabelecer as seguintes questões que devem nortear a pesquisa de uma classificação, ou tipologia, consistente a válida, do ponto de vista da clínica da sexualidade:

1. É possível uma tipologia (= taxonomia) das “relações amorosas”?
2. Qual seria a utilidade de tal taxonomia?
3. Haveria alguma repercussão da capacidade de identificar uma tipologia/taxonomia dos padrões de ajustamento amoroso sobre a possibilidade de prever a ocorrência de distúrbios definidos específicos na área da sexualidade?
4. Haveria alguma repercussão desta capacidade de identificar uma tipologia/taxonomia dos padrões de relacionamento amoroso sobre a possibilidade de prever a resposta aos diversos tratamentos na área da sexualidade’?
5. Qual o peso dos padrões sócio-econômicos e culturais-religiosos na opção dos padrões de relacionamento amoroso?
6. Qual o peso de outros aspectos não considerados?

Anexo 1

Tipologia dos Relacionamentos Amorosos

A. Características difusas e globais da relação:

1. Boa:
2. Ruim:
3. Plena:
4. Ideal:
5. Paixão:
6. Lúdica:
7. Storge:
8. Pragma:
9. Sadomasoquista:
10. Altruísta:
11. Abnegada:
12. Passivoagressiva:
13. Depressiva:
14. Maníaca:
15. Paranóide:
16. Histérica:
17. Obsessivo-Compulsiva:
18. Fóbicas:
19. Egocêntrica:
20. Egoísta:
21. Químiodependente:
22. Maternal:

B. Quanto ao papel da fidelidade na relação:

1. Relação aberta:
2. Estritamente fiel:
3. Preferencialmente fiel:
4. Polidamente fiel:

C. Características centradas em aspectos específicos da sexualidade:

1. Pornográfica:
2. Erótica:
3. Sensual:
4. Assexuada:

D. Características centradas no padrão principal de desejo e excitação sexual:

1. Heterossexual
2. Homossexual
3. Bissexual
4. Poligamia/Poliandria
5. Grupo
6. Escoptofilica
7. Outro

E. Características centradas na forma de habitação:

1. Convencional:
2. Casas separadas:
3. Chabitação (arnigados):

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AKISKAL, H. S. (1989): The classification of mental disorders, *in* KAPLAN, H. I. & SADOCK, B. J.: Comprehensive textbook of psychiatry, V. 5e., Ed. Williams & Wilkins, Baltimore.
2. AZEREDO, R. H. S. (1992): Casamento aberto, *in* ANDRADE, R. P. & MELLO, C. R.: Temas de Sexualidade Humana. Ed. Relisul, Curitiba, 1992.
3. BACH, G. R.; WYDEN, P. (1991): O inimigo íntimo, Ed. Summus, São Paulo.
4. BETH GRIFFI (1993): Quando descasar sara..., Ed. Callis, São Paulo.
5. BOTWIN, C. (1988): O que fazer com homens infiéis, Ed. Record.
6. CARUSO, I. (1986): A separação dos amantes - uma fenomenologia da morte, 4 e., Ed. Cortez, São Paulo.
7. COSTA, G.; KATZ, G. (1992): Dinâmica das relações conjugais, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre.
8. GHELFI, L. F. (1992): Juntos... casas separadas, *in* ANDRADE, R. P. & MELLO, C. R.: Temas de Sexualidade Humana, Ed. Relisul, Curitiba, 1992.

9. GÓIS, M. M. DE S. (1992): Diferentes formas de relacionamento, *in* ANDRADE, R. P & MELLO, C. R.: Temas de Sexualidade Humana, Ed. Relisul, Curitiba, 1992.
10. GOODWIN, D. W. & GUZE, S. B. (1989): Psychiatric diagnosis, 4e., Ed. Oxford University Press, N. York.
11. KINDER, M.; CÔWAN, C. (1990): Maridos e mulheres, 2ª ed., Ed. Rocco, Rio de Janeiro.
12. KUZNETZOFF, I. C. (1982): Introdução à psicopatologia psicanalítica, 5ª ed. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
13. KUZNETZOFF, J. C. (1987): O homem sexualmente feliz, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
14. KUZNETZOFF, J. C. (1988): A mulher sexualmente feliz, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
15. KUZNETZOFF, J. C. (1993): Sexuário, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
16. LAZARUS, A. A. (1992): Mitos conjugais, Ed. Psy, Campinas.
17. LOMBA, D. A. D. (1992): Casamento convencional, *in* ANDRADE, R. P & MELLO, C. R.: Temas de Sexualidade Humana, Ed. Relisul, Curitiba, 1992.
18. LOPES, G. & MAIA, M. (1992): Coabitação, *in* ANDRADE, R. P. & MELLO, C. R.: Temas de Sexualidade Humana, Ed. Relisul, Curitiba, 1992
19. MASTER, W. H.; JOHNSON, V. E.; KOLODNY, V. E. (1988): O relacionamento amoroso; segredos do amor e da intimidade. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
20. MASTER, W. H.; JOHNSON, V. E.; LEVIN, R. J. (1977): O vínculo do prazer, Ed. Record, Rio de Janeiro.
21. O'CONNOR, D.: Como fazer amor com a mesma pessoa por toda a vida e continuar gostando, 5ª ed., Ed. Rosa dos Ventos, Rio de Janeiro.
22. SPITZER, R. L.; ENDICOTT, J.; ROBINS, E. (1978): Research diagnostic criteria: rationale and reliability. Arch. Gen. Psychiatry, 35:773-782.
23. TEIXEIRA, R. M. (1992): Diferentes formas de relacionamento, *in* ANDRADE, R. P & MELLO, C. R.: Temas de Sexualidade Humana, Ed. Relisul, Curitiba, 1992.